

Título: Balão de ensaio urbano: Campinas, a ciência e o combate à febre amarela no final do século XIX.

Valter Martins

Departamento de História da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO),
Campus de Irati/PR

Palavras chave: Febre amarela; Campinas; epidemias.

Resumo: Na última década do oitocentos grassaram epidemias de febre amarela em Campinas, estado de São Paulo. A moléstia, até então, considerada típica do litoral, espantou os médicos quando chegou no planalto. Ao irromper em plena área cafeeira, podia comprometer a economia e, igualmente, o fluxo imigratório. Enquanto doutores e cientistas polemizavam sobre as possíveis causas da doença em revistas e correspondências, a explosão epidêmica forçou a ação prática das autoridades políticas e sanitárias. A jovem república almejava conter as epidemias que maculavam a imagem moderna e civilizada que buscava construir sobre si. E a febre amarela era um alvo estratégico: atingia diretamente os imigrantes que buscava atrair. Campinas se tornou um campo de experiências. Sua população conviveu com as dores da doença e de seu combate, marcado por triunfos e a desordem de seu cotidiano. A Comissão Sanitária estadual, chefiada por Emílio Ribas, conhecedor da teoria culicidiana de Finlay, fez de Campinas um balão de ensaio do que ocorreria no Rio de Janeiro de Oswaldo Cruz e Pereira Passos. Entretanto, o novo combate aos mosquitos conviveu com práticas associadas à teoria miasmática como as desinfecções e ações contra ambientes insalubres.